

CRISTOLOGIA: TEOLOGIA E ANTROPOLOGIA¹

Pe. Dr. Antonio Manzatto

É possível dizer que toda teologia, quando bem feita, desemboca numa antropologia. E que, da mesma forma, toda antropologia coloca os pressupostos necessários para uma elaboração teológica. Com efeito, as relações entre teologia e antropologia são estreitas. Em primeiro lugar, porque a teologia tem direito de pronunciar um discurso antropológico, mais não fosse, pelo simples fato de falar do ser humano que crê, fato que é irreduzível a outras ciências². Em segundo lugar, porque a antropologia estabelece as balizas necessárias para a elaboração do discurso teológico³. E, sobretudo, porque no centro da fé cristã está Jesus, homem e Deus, que nos ocupará nas reflexões de toda esta semana teológica sobre cristologia.

O QUE É CRISTOLOGIA?

A pergunta sobre o que é cristologia pode nos introduzir nos debates e estudos desta semana. Cristologia, como o nome já diz, tem relação com o estudo da pessoa de Cristo, que para nós não é outro senão Jesus de Nazaré. A cristologia, como toda reflexão teológica, parte da fé, e é esta que nos afirma que Jesus é o Cristo.

Sendo assim, o ponto de partida da cristologia é a pessoa de Jesus⁴. A cristologia não se reduz a traçar o perfil, a biografia ou a história desse personagem histórico chamado Jesus. Se fosse assim, não estaríamos fazendo teologia, mas apenas história, porque não precisaríamos do apelo à fé⁵. Mas a história de Jesus

¹ Conferência proferida na Semana Teológica da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em 07/04/97.

² Cf. Adolphe GESCHÉ, "Le discours théologique sur l'homme"; *Nouvelle Revue Théologique*, 1975/2, p. 801-819

³ Cf. Antonio MANZATTO, *Teologia e Literatura*, Loyola, São Paulo, 1994, p. 221-227

⁴ É a "jesuologia", isto é, o conhecimento sobre o "Jesus histórico" como ponto de partida para o estudo cristológico. Cf., por exemplo, Leonardo BOFF, *Jesus Cristo Libertador*, Vozes, Petrópolis, 1972; Benedito FERRARO, "Cristologia a partir da América latina: pressupostos"; *REB*, 190 (junho/1988), p. 283-294; também P. R. HILGERT, *Jesus histórico, ponto de partida da cristologia latino-americana*, Vozes, Petrópolis, 1987.

⁵ Hoje, mesmo os historiadores reconhecem a existência de um personagem histórico chamado Jesus de Nazaré, reconhecendo inclusive um certo valor de documentação histórica dos evangelhos que atestam sua existência.

de Nazaré é a base para a elaboração da cristologia porque, para nós, como dissemos, o Cristo é Jesus.

Aqui, mais uma vez, encontramos as relações estreitas entre teologia e antropologia. Para revelar-se a nós, para comunicar-se com os seres humanos, Deus se serve de situações humanas, de características humanas, da história humana, de categorias humanas. E não poderia ser de outra forma. Não porque Deus não pudesse fazê-lo, mas porque nós, humanos, não poderíamos entender a revelação de Deus a nós, não poderíamos reconhecer a comunicação de Deus conosco se isto não fosse feito dentro de nossa realidade humana. Somos incapazes de sairmos de nossa humanidade, mesmo para relacionarmos-nos com Deus. E Ele sabe disso. Por isso, durante toda a história humana, serviu-se de situações e de pessoas humanas para comunicar-se conosco, até que enviou-nos seu Filho Jesus, que aparece em nossa humanidade⁶. O caminho metodológico para se conhecer o Deus que se revela a nós é partir do antropológico para chegarmos ao teológico, e nunca o contrário.

A humanidade de Jesus é reveladora de sua divindade. A divindade de Jesus não é evidente, sua humanidade sim. A fé que afirma que

Jesus é o Filho de Deus baseia-se na história da humanidade de Jesus para fazê-lo. É o famoso dito de L. Boff: "Tão humano assim só podia ser Deus mesmo"⁷. Aqui, nós encontramos um dado fundamental para o método de se fazer cristologia. Como já dissemos, para nós o Cristo é Jesus, o que significa que é a pessoa de Jesus, aquele judeu que viveu na Palestina do século primeiro, que vai explicar os títulos cristológicos, isto é, os títulos que nossa fé lhe atribui como Filho do Homem, Filho de Deus, Altíssimo, Senhor, Salvador, Messias, Cristo.

Isso significa que é a pessoa de Jesus que vai nos fazer compreender quem é o Cristo, o Messias. Não se pode partir de uma pré-compreensão (pré-conceito) do que seja o Cristo ou do que ele deva ser para depois aplicar essas categorias à pessoa de Jesus. O caminho é o inverso: eu não sei o que é o Messias, mas vou aprendê-lo da pessoa de Jesus, de como ele viveu e assumiu seu messianismo, de como ele nos revela Deus. O caminho, pois, é do antropológico ao teológico.

No entanto, como dissemos, não basta retrarmos a história de Jesus para fazermos cristologia. É preciso acrescentar o dado da fé que nos afirma que esse Jesus, que assim

viveu sua humanidade, é o Cristo, Filho de Deus, Salvador. Aqui, a fé vai afirmar a importância da pessoa de Jesus enquanto Salvador de toda a humanidade. E aqui encontramos o segundo dado fundamental do método de se fazer cristologia.

Se ainda hoje refletimos sobre a pessoa de Jesus, a quem chamamos Cristo, é porque ele é importante para nós. Sua importância, nós a traduzimos pelo emprego da palavra Salvador⁸. Com efeito, se Jesus é nosso Salvador ele tem importância para nós, ele significa nossa salvação. A questão soteriológica encontra aqui todo o seu vigor. Para nós, que cremos em Jesus, as questões últimas de nossa humanidade, como o significado de nossa existência, o porquê da morte, da vida, do amor, do sofrimento, as questões relacionadas ao mal, à dor, às dificuldades da vida, encontram sua iluminação na luz que nos vem de Jesus, o Cristo. Aqui é que encontramos o Cristo que nos fala ainda hoje, e que nos salva desde o concreto de nossa existência⁹.

A cristologia assume, então, a forma de atualização da significação da pessoa de Jesus Cristo. Para ser atual e para ser salutar, ela tem de encontrar-se com as preocupações humanas de hoje, pois senão não terá importância nenhuma para a humanidade contemporânea, não terá significação, e Jesus não será Salvador. Nesse sentido, a cristologia não é a simples repetição de fórmulas preestabelecidas, mas atualização da salvação que Deus nos oferece em Jesus.

Por isso cada época, cada sociedade, cada comunidade elabora sua cristologia, fazendo com que suas preocupações se encontrem com a mensagem, a prática, a pessoa de Jesus. Esse fato não é recente, pois a própria história da Igreja nos mostra que cada época e cada lugar procurou atualizar a significação de Jesus, procurou responder aos desafios que a vida lhe colocava a partir da sua própria compreensão da pessoa do Salvador¹⁰. A cristologia, como toda reflexão teológica, é sempre cultural, social e historicamente situada. E não poderia ser de outra

⁶ Cf. Hb 1,1-2.

⁷ Cf. Leonardo BOFF, *op. cit.*, p. 193.

⁸ Usamos a palavra *Salvador* em sentido amplo, nela colocando também todo o conteúdo de outras palavras, como Libertador, Redentor, Resgatador, etc.

⁹ A salvação tem de partir do concreto da existência humana, pois caso contrário não será vista como salvação, não será entendida como salvação. Cf. Antonio MANZATTO, *op. cit.*, p. 317-329.

¹⁰ Aqui temos a razão de ser das diferentes cristologias elaboradas ao longo da história da Igreja, fato que ainda hoje pode ser percebido. Cf. A. SCHILSON & W. KASPER, *Cristologia, abordagens contemporâneas*, Loyola, São Paulo, 1990.

forma, sob o risco da cristologia não apresentar mais a pessoa de Jesus como salvação¹¹.

Se é assim e se sempre foi assim, então nós também somos convocados a elaborarmos nossa própria cristologia, nossa atualização da significação da pessoa de Jesus Cristo, e esse é outro dado fundamental do método de se fazer cristologia. Claro que essa elaboração teológica não se faz de qualquer forma, pois senão correríamos o risco de criarmos um Jesus Cristo à nossa imagem e semelhança, um Jesus Cristo moldado segundo nossa ideologia, nossa vontade e prazer. Existem critérios normativos para a elaboração cristológica, que são os mesmos critérios que norteiam toda elaboração teológica. O primeiro desses critérios é a própria pessoa de Jesus de Nazaré, sua mensagem, sua ação, sua prática, sua morte e ressurreição. Uma cristologia que não seja fiel a Jesus de Nazaré não é cristologia ou, ao menos, não é cristã. A fidelidade à pessoa de Jesus se expressa, também, pela fidelidade à Tradição eclesial e ao Magistério, já que elaboramos nossa cristologia em Igreja. Mas uma outra fidelidade também é importante: a fidelidade ao

contexto no qual vivemos. Se não formos fiéis às situações concretas em que vivemos, a cristologia que elaborarmos, como já disse, não será significativa, não será atual, não será salutar.

A elaboração cristológica, portanto, se dá dentro dessa dupla fidelidade: ao contexto no qual ela é elaborada e à pessoa de Jesus. Com isso, evita-se, de um lado, uma possível digressão a-histórica e, de outro, a fabricação de um ídolo qualquer. Em teologia, não falamos para os anjos ou para os mortos, mas para os seres humanos vivos, atuais, de hoje. Mas também não falamos de um ídolo qualquer, mas do Deus vivo e verdadeiro, o único capaz de nos salvar. Cabe-nos, também em cristologia, perguntarmos sobre o ser de Deus revelado por Jesus Cristo, que é o objeto mesmo de toda nossa teologia.

A CRISTOLOGIA COMO TEOLOGIA

Afirmamos em nossa fé que Jesus nos revela Deus, que ele nos dá a conhecer o seu Pai e nosso Pai, seu Deus e nosso Deus¹². Jesus nos salva ao mostrar-nos quem Deus é,

e mostra-nos Deus ao nos salvar: “Filipe, quem me viu, viu o Pai”¹³. Jesus nos revela Deus porque é ele o Filho Unigênito de Deus: “ninguém viu o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”¹⁴. Que ele é o Filho nós o dizemos em nossa fé, como o centurião ao pé da cruz: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”¹⁵, como os apóstolos: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”¹⁶, como todos os discípulos e discípulas o fizeram ao longo da história. É no testemunho deles que nossa fé se baseia¹⁷.

No entanto, os apóstolos, ao olharem para Jesus, viam um ser humano. Nesse ser humano é que a sua fé enxergava o Filho Unigênito de Deus. Aqui, novamente, retomamos o que dissemos anteriormente. A divindade de Jesus não é evidente: é preciso a fé para poder enxergá-la. E a fé é um passo difícil de ser dado, nós bem o sabemos. A evidência é rejeição da fé: não é preci-

so crer no que se sabe, não é preciso crer no que é evidente¹⁸. O passo da fé, e isso é específico dos cristãos, é o de, através da humanidade de Jesus, contemplar a revelação de Deus¹⁹.

Em Jesus, é Deus quem se revela. O ato da revelação é da iniciativa de Deus. E aqui precisamos lembrar que Deus não é precedido por nossos conceitos ou preconceitos de ordem filosófica ou teológica²⁰. Não sabemos quem é Deus e como ele é se ele não se mostrar a nós, se ele não se revelar. É Deus quem mostra quem e como ele é, não somos nós que ditamos como é ou como deve ser Deus. Isso nós fazemos com os ídolos, falsos deuses que criamos à nossa imagem e semelhança, segundo nossa vontade e nossos gostos. Deus não obedece nossos gostos ou preferências: Deus é quem ele é, como ele é. Ele se revela a nós para que o conheçamos e o aceitemos como ele é.

¹³ Cf. Jo 14,9.

¹⁴ Cf. Lc 10,22.

¹⁵ Cf. Mc 15,39.

¹⁶ Cf. Mt 16,16.

¹⁷ Cf. At 2,36; 3,15.

¹⁸ A demissão do crer, que parece ser uma busca da atualidade, pode se dar pela negação (ateísmo) ou pela “certeza evidente” (fundamentalismo). Tanto em um quanto em outro caso, não se crê, não existe a fé: o que existe é a certeza do sim ou do não.

¹⁹ Cf. o que dissemos anteriormente sobre a revelação de Deus acontecendo em categorias humanas.

²⁰ Cf. Adolphe GESCHÉ, “Apprendre de Dieu ce qu’il est”; in Adolphe GESCHÉ, *Dieu*, Cerf, Paris, 1994, p. 83-124.

¹¹ Longe de trazer problemas, como o da redução da cristologia a um determinado ponto ou aspecto, isso apenas enriquece a cristologia, pois nenhuma época, nenhuma sociedade, nenhuma teologia esgota a significação da pessoa de Jesus. E é exatamente por este motivo que nossa teologia, como nossa Igreja, é católica, isto é, universal.

¹² Cf. Jo 20,17.

E se ele se revela a nós através do humano, se ele se mostra a nós na pessoa de Jesus, é para que aprendamos quem ele é a partir da contemplação da humanidade de Jesus. O caminho é sempre o do antropológico ao teológico. É Jesus quem nos mostra como Deus é, e quem ele é. Não se pode partir de um conceito já integralmente preestabelecido de Deus e aplicá-lo a Jesus, sobretudo se esse conceito não se basear nos dados da Revelação, mas pura e simplesmente em especulações de ordem filosófica ou ideológica. A especulação é importante, mas num segundo momento: o da sistematização dos dados aprendidos a partir da Revelação feita por Deus e, no nosso caso, da Revelação feita por Deus em Jesus.

Jesus nos apresenta um Deus²¹ com características que nem sempre são facilmente aceitáveis por nós, como não foram aceitas por seus contemporâneos. O Deus de Jesus é livre para ser o que ele é, e nesse sentido não se submete às nossas manipulações: ele não é manipulável; é o Deus dos pequenos, dos pecadores, um Deus próximo da humanidade, o Deus do Reino, contrariamente ao que supõe o senso comum, que compreende Deus como distan-

te da humanidade e preferindo unicamente os santos e o império. Ao apresentar-nos seu Pai, Jesus nos convida a aceitá-lo e a amá-lo como ele é.

É certo que a cristologia não é toda a teologia. A Revelação de Deus à humanidade acontece também fora da pessoa do Jesus histórico, e por isso o Antigo Testamento, por exemplo, é também Revelação. Mas, ainda que de certa forma, a cristologia é normativa para a elaboração teológica cristã, é critério para a sistematização de nossos conhecimentos sobre Deus. Se somos cristãos, o Deus em quem cremos é o Deus de Jesus. E por isso é preciso aprender dele quem é Deus.

A CRISTOLOGIA COMO ANTROPOLOGIA

Para nós, segundo a nossa fé, Jesus é Deus e Homem. Verdadeiramente Deus e Verdadeiramente Homem, no dizer do Concílio de Calcedônia. Não somente Deus e não somente homem, não metade Deus e metade homem, mas integralmente Deus e integralmente homem. "Sendo igual a Deus", fez-se em tudo semelhante a nós, exceto no pecado, assumindo integralmente a nossa humanidade. E se ele não se fez

semelhante a nós no pecado não foi para ser diferente de nossa humanidade, mas sim para afirmar que o pecado não faz parte de nossa humanidade, de nossa essência humana, embora faça parte de nossa história humana.

Aqui, acrescentamos um dado importante à nossa cristologia, que não pode ser negligenciado por nós, embora facilmente passe despercebido se não tomarmos cuidado. É o fato de que Jesus nos revela quem é Deus, sim, mas também nos revela quem é e como é o ser humano. Não se trata de pensar logo em termos morais a respeito de como "deve ser" o humano, mas sim de olhar para Jesus para aprendermos dele o que é ser humano. O fato de ele nos revelar quem é o ser humano não diminui em nada seu papel de revelador de Deus; ao contrário, o torna ainda mais forte e pertinente, já que "tão humano assim, só podia ser Deus mesmo".

Aprendemos com Jesus não apenas o que o humano deve ser, mas o que ele pode vir a ser e o que ele é. Não somos anjos, nem divinos, e isso não nos diminui nem nos torna infelizes. Ao contrário, nos aproxima do amor de Deus, já que ele nos ama como somos, em nossa humanidade. Da mesma forma, por ser salvador, Jesus humaniza, isto é, torna mais humano. Melhores somos, isto é, mais nos aproximamos da salvação, quanto mais humanos formos, mes-

mo porque a humanidade é imagem e semelhança de Deus. Quanto mais humanos formos, mais sua imagem seremos.

Descobrimos em Jesus que temos de repensar o que é o ser humano. O ser humano não é simplesmente ruim, mesmo porque Deus quis tornar-se um de nós. A humanização é salvação também, como a divinização. Salvação não é deixar de sermos humanos, mas é sermos humanos em plenitude. Daí a importância do desenvolvimento de nossas capacidades, e do reconhecimento de nossos direitos de seres humanos, normalmente chamados de direitos humanos e civis. O ser humano não é simplesmente decaído, mesmo se o pecado o faz um ser decaído, e a salvação não pode ser vista como mero conserto. Salvação é plenificação do ser humano, que já é bom, mesmo porque Deus contempla sua criação, na qual se insere o humano, e verifica que tudo é bom. Não somos só maus, nem responsáveis por todo o mal que existe no universo. Aqui percebemos como a cristologia nos leva a uma nova compreensão antropológica. Segundo Jesus, o humano não é feito simplesmente para o trabalho ou para o sucesso, como prega a antropologia imperial do capitalismo neoliberal, mas sim para a festa e a alegria da comensalidade, da fraternidade do Reino. Só refazendo nossos conceitos de humani-

²¹ Não queremos aqui fazer um estudo das características ou atributos do Deus revelado por Jesus. Não se trata de um estudo exaustivo ou extensivo dessas características, mas apenas citamos algumas a título de exemplo.

dade, a partir de Jesus, é que poderemos entender o que seja a salvação que Jesus nos traz.

Corremos o risco de pensar que salvação é tirar-nos de nossa condição humana. Isto não é salvação. Salvação é, antes, tirar-nos daquilo que nos impede de sermos humanos. Jesus pede não para que saíamos do mundo, mas que sejamos protegidos do mal. Se deixarmos de ser humanos, não somos mais nada, tornamo-nos apenas animais, não seremos mais os amados de Deus, sua imagem e semelhança. Se Deus nos quisesse anjos, talvez nos tivesse criado como anjos. Mas ele nos quis humanos, para partilharmos de sua vida. Salvação é partilha da vida de Deus, mas enquanto seres humanos, uma vez que Deus é apaixonado pela humanidade. Nós somos sua paixão. É por nós que seu filho se encarna e enfrenta até mesmo a morte: se nos ama tanto assim a ponto de dar-nos seu filho, como poderia querer-nos diferentes? Quer-nos humanos, e em plenitude, em eternidade de vida.

Por isso, o Filho de Deus encarnado, uma vez glorificado, não perde sua humanidade. O mesmo acontece com sua mãe, de quem dizemos que foi assunta ao céu em corpo e alma, isto é, em sua humanidade. Vista dessa forma, salvação é humanização, não des-humanização. Desumano é o mal. Nossa humanidade não nos afasta de Deus; ao

contrário, pode nos aproximar dele. Na morte de Jesus, quando o véu do templo rasga-se e é destruído, outro véu traz para a humanidade o sinal da presença e do amor de Deus: o véu de Verônica, onde se estampa o rosto da humanidade de Jesus. É a partir de Jesus que podemos entender o que seja a salvação que Deus nos oferecê. E é também a partir dele que podemos entender melhor o que é a humanidade que somos e que podemos vir a ser. É isso que significa dizer que Jesus é revelador de nossa própria humanidade.

O SEGUIMENTO DE JESUS, CONDIÇÃO PARA SE FAZER CRISTOLOGIA

Uma última questão, mesmo que abordada de forma muito rápida e apenas citando-a, é a questão do seguimento de Jesus. A cristologia não é mero discurso, mas é momento teórico de reflexão sobre a prática a que nossa profissão de fé nos conduz. Não se trata de retomar a questão, quase que ultrapassada, do que vem a ser prioritário, se a ortodoxia ou a ortopraxia. Hoje temos claro que elas são indissociáveis, uma não tendo sentido cristão sem a outra. Trata-se, sim, de re-situar o teólogo como seguidor de Jesus, membro da comunidade eclesial.

A Comunidade se compreende dentro do discipulado. O discípulo não é maior que o mestre, mas se-

gue o mestre e com ele aprende. Não aprende simplesmente teorias, mas sim como viver, na prática, a construção do Reino. Seguimento não é imitação no sentido de fazer o que ele fez, mesmo porque não sabemos fazer os mesmos milagres. Seguimento tem incidência histórica, na continuação do mesmo caminho. A perspectiva do caminho nos leva a compreender a ação de Jesus como tendo repercussões histórico-sociais. Trata-se, portanto, de atualizar não tanto as ações do mestre, mas a significação delas.

Se as ações de Jesus repercutiram de tal forma em sua sociedade, nossas ações devem ter as mesmas repercussões, ou semelhantes, ainda que elas sejam "totalmente" diferentes. Seguir Jesus nada mais é que assumir a mesma causa que ele assumiu, a causa que o Pai mesmo assumiu: O Reino. Se não for assim, a cristologia torna-se mera curiosidade acadêmica, mera busca do conhecimento pelo conhecimento. E não somos gnósticos para pensarmos que

a salvação nos vem pelo conhecimento. A perspectiva do seguimento nos coloca na condição de conhecermos mais, sim, mas para amarmos mais. Mais amamos quanto mais conhecemos, e mais conhecemos quanto mais amamos.

Aqui, a cristologia torna-se projeto de vida. Mais do que discussões acadêmicas, busca de conhecimentos sobre Jesus ou sistematização da compreensão da profissão de fé, a cristologia, na perspectiva do seguimento, nos coloca frente a frente com Jesus e seu Deus e seu projeto para a humanidade: a transformação da sociedade e do mundo, para fazer acontecer a utopia do Reino.

Pe. Dr. Antonio Manzatto é Doutor em Teologia Dogmática pela Universidade de Louvain, Bélgica, professor e Vice-diretor acadêmico da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.
End.: Av. Nazaré, 993 - Ipiranga
04263-100 São Paulo - SP